

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
CAMPUS DE RIO CLARO - DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**Entre convencer e vencer:  
estudo sobre as relações entre  
políticas de subjetivação e ideologia**

Aluna: Katiane Fuzaro Novaes  
Orientador: Prof. Dr. Romualdo Dias

**Rio Claro - S.P.  
Outubro de 2010**

320.01 Novaes, Katiane  
N935e        Entre o convencer e vencer: estudo sobre as relações  
entre política de subjetivação e ideologia / Katiane Novaes. -  
Rio Claro : [s.n.], 2010  
32 f. : il.

Trabalho de conclusão (licenciatura - Pedagogia) -  
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de  
Rio Claro  
Orientador: Romualdo Dias

1. Ciência política - Filosofia. I. Título.

## **Entre convencer e vencer: estudo sobre as relações entre políticas de subjetivação e ideologia**

Aluna: Katiane Fuzaro Novaes  
Orientador: Prof. Dr. Romualdo Dias

### **Resumo**

Neste estudo desenvolvemos uma análise das relações entre a ideologia e as políticas de subjetivação na sociedade moderna através do rastreamento de marcas discursivas em peças publicitárias próprias das práticas de governo vinculadas ao autoritarismo. O *corpus* da pesquisa se delimita no diálogo com os registros que chegaram até nós por meio dos esforços de Victor Klemperer, em seu livro “A linguagem do terceiro Reich”. Este autor nos coloca em contato com propagandas utilizadas na imprensa escrita e falada. Por meio da Análise do Discurso discutimos o sentido de “convencer”, enquanto recurso de argumentação e cartografamos os recursos simbólicos utilizados nas estratégias de “vencer” sobre o público alvo das propagandas políticas. Queremos observar as marcas dos processos de subjetivação que acompanham os deslizamentos das práticas políticas de convencimento para o exercício da violência concentrada nos termos daquilo que se expressou como um ato de “vencer” pela força física. Que processos de subjetivação se consolidam sob o jugo da força colocada em exercício por formas autoritárias de governos sobre os cidadãos? Como estas marcas reverberam em nossos corpos e limitam as possibilidades de expressão da vida? Estas são as nossas perguntas que nos acompanharam nas leituras, no trabalho do pensamento e da escrita.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. LTI – Lingua Tertii Imperii	1
1.2. Políticas de subjetivação e ideologia	2
1.3. Entre vencer e convencer	3
2. MICROPOLÍTICA	4
2.1. Introdução	4
2.2. Políticas de subjetivação	4
2.3. Ideologia	5
2.4. Políticas de subjetivação e ideologia	6
2.5. “Ideologia e subjetividade: duas faces de uma mesma moeda”	7
2.6. Conclusão	8
3. “A LINGUAGEM DO TERCEIRO REICH”: DESCRIÇÕES	9
3.1. Introdução .	9
3.2. O autor e sua obra, LTI .	9
3.3. O heroísmo ..	10
3.4. A influência fascista .	11

3.5. Fanatismo .	12
3.6. As aspas irônicas .	13
3.7. Os nomes do regime .	14
3.8. A propaganda nazista .	15
3.9. As abreviaturas .	15
3.10. Forma de organização nazista .	16
3.11. Hitler comparado a Cristo .	17
3.12. A raiz alemã	18
3.13. A palavra e o contexto	19
3.14. Conclusão	20
4. CONCLUSÃO	21
5. BIBLIOGRAFIA	

## Introdução

Apresentamos aqui o resultado de nossa pesquisa sobre as relações entre políticas de subjetivação e ideologia. Quando da apresentação de nosso projeto de pesquisa, propusemo-nos percorrer um caminho e chegar a um lugar determinado: analisando documentos de propaganda política recolhidos na imprensa escrita e falada do período nazista na Alemanha, compreender como foram operadas as relações entre as políticas de subjetivação e a ideologia.

Mantivemos nossa meta. Contudo, o caminho mudou. Ao invés de estudarmos documentos de propaganda política do período em que o nacional-socialismo aterrorizou a Alemanha, encontramos outros materiais, sendo o principal deles: **LTI: a linguagem do Terceiro Reich**.

Enfatizamos que esta mudança não altera o núcleo de nossa pesquisa quando nos propusemos a pensar as relações entre processos de subjetivação e processos educacionais. Este texto que já se tornou clássico entre as obras do pensamento político no ocidente é suficientemente forte para nos ajudar a pensar os impasses presentes no trabalho do convencimento sobre alguém sem precisar apelar para o uso da força física. O registro de Klemperer nos oferece elementos do campo da linguagem para pensarmos nesta fronteira entre a ação política, realizada em contextos sociais mais amplos, e a educação, tratada como um campo específico de construção do humano.

### **LTI – Lingua Tertii Imperii**

O livro “**LTI – Lingua Tertii Imperii**” consiste em um romance escrito pelo filólogo judeu Victor Klemperer que, durante cerca de cinquenta anos, escreveu um diário contendo mais de quatro mil páginas. Inscrito na tradição dos romances de teor testemunhal, LTI é composto das páginas escritas entre os anos 1933 – 1945, anos da ascensão, consolidação e queda do regime nazista na Alemanha. Sobre o livro e seu autor, escrevemos em detalhes mais adiante.

Importa agora ressaltar que LTI, justamente por ter saído das mãos de um filólogo, conseguiu revelar de maneira espantosa o modo como o regime nazista perversamente dominou a linguagem e, graças a esta dominação, consolidou-se como regime de governo. Escreveu Klemperer (2009, p.55): “O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases que foram impostas pela repetição, milhares de vezes, e foram aceitas inconsciente e mecanicamente”.

Ao longo deste texto, buscamos demonstrar uma das teses centrais de Klemperer: que o nazismo não criou tantas palavras, mas alterou o sentido de palavras já existentes. Esta alteração levou o povo alemão, inclusive os próprios judeus alemães, a acatar e reproduzir estas palavras com o significado atribuído pelo Reich.

Nestas operações realizadas no campo da linguagem percebemos os deslizados do campo do convencimento para o exercício de uma força que se faz no modo de vencer pela violência explícita. Se sentidos e sujeitos se constituem na linguagem e pela linguagem, as análises que pudermos efetuar nas fronteiras entre a linguagem e o exercício do político nos auxiliam para pensarmos sobre os processos de subjetivação que emergiram em modos de organização da sociedade marcados pelo autoritarismo.

## **Políticas de Subjetivação e Ideologia**

Ao longo do caminho, também nos empenhamos em conhecer com maior rigor o conceito de ideologia e seu funcionamento.

Para tanto, seguimos algumas trilhas abertas por Sílvio Gallo em **Subjetividade, Ideologia e Educação** (2009). Neste pequeno livro, Sílvio Gallo lança um texto escrito entre 1989/1990, onde procurou “acertar contas com sua formação acadêmica”, buscando preencher certas lacunas percebidas nos estudos marxistas “clássicos” realizados em torno do conceito de ideologia.

Uma coisa é afirmar que, numa determinada sociedade, a ideologia preponderante é constituída pelas idéias produzidas pela classe dominante, disseminadas pelo conjunto da sociedade. No entanto, o que faz que um indivíduo da classe dominada assuma tais idéias, passando a viver como se elas fossem suas? Que mecanismo perverso de controle é esse que, além de roubar a força de trabalho

dos menos favorecidos, tira-lhes, ainda, o mais mísero cotidiano e, acima de tudo, o sonho? A essa questão esse marxismo não me apresentava respostas. (GALLO, 2009, Prefácio)

A manipulação da linguagem realizada pelo regime de dominação nazista não estaria colocando para operar um poderoso dispositivo ideológico? Ou então esta forma de distorcer, perverter, redefinir a linguagem, através de sua repetição por incontáveis vezes, seria outra coisa diferente da ideologia?

Ao mesmo tempo, em função dos dizeres de Klemperer demonstrarem que as táticas de dominação dos nazistas incidiram diretamente sobre o corpo dos alemães, “embrenhou-se em sua carne e seu sangue”, consideramos igualmente importante aprofundar nossos estudos sobre as políticas de subjetivação, fazendo uma breve incursão pelo campo dos “estudos sobre micropolítica”.

Que relações estabelecer entre a produção de subjetividade e a ideologia? São equivalentes? Como alguns dos principais autores da “corrente micropolítica” (Foucault, Guattari) trataram esta relação?

Principalmente, repetimos a questão anteriormente enunciada. A manipulação da linguagem realizada pelo regime de dominação nazista não estaria colocando para operar um poderoso dispositivo ideológico?

### **Entre vencer e convencer**

Quando nós enunciemos estas duas expressões pretendemos demarcar um campo de interação como configuração de um território no qual forças operam sobre os processos de subjetivação de modo a impedir possibilidades de reinvenção de si e do mundo. Em primeiro lugar enfatizamos a importância de considerar este território que se apresenta como uma fronteira. Em segundo lugar, precisamos pensar a nossa condição de habitar este território com a habilidade de suportar o trânsito pelos paradoxos que ele comporta. Não se trata de fugir do paradoxo com o apelo para a busca de soluções rápidas. Nós entendemos a importância de permanecer no paradoxo e deixar o tempo e as palavras efetuarem seus trabalhos sobre os nossos corpos. Este tempo de permanência sobre o paradoxo não é tão ameaçador pelo fato de distinguirmos bem a natureza do exercício do pensamento. Nós não estamos vivendo uma



situação de opressão real tal como ocorre nos lugares das práticas autoritárias. Por mais que o contato com estas experiências causam asco em nossos corpos nós podemos suportar o esforço de pensarmos sobre elas, de discriminarmos seus múltiplos aspectos, com uma atenção especial sobre as nossas sensações e sobre as nossas percepções.

Em terceiro lugar, destacamos a importância de compreendermos o trabalho feito no campo da linguagem para percebermos os seus desdobramentos na produção da subjetividade e na organização dos processos educacionais. O campo da linguagem aparece aqui como um lugar central ao ser percebido como campo de constituição dos sentidos. Se nós entendemos a força dos sentidos na sustentação de nossas ações, aí então, ganha relevância o exercício da política se fazendo sobre este núcleo. Isto nos faz pensar que o poder mais eficaz se faz no domínio das condições de produção dos sentidos.

Aqui, portanto, marcamos uma diferença sobre os modos do exercício do poder. Há aquele poder que opera no campo da linguagem e faz todos os esforços para dominar a totalidade da produção dos sentidos. Embora o domínio total não seja possível, há sempre o esforço de querer abarcar tudo. E há outra modalidade do poder, que não se satisfaz com o trabalho realizado no campo da linguagem e parte para as práticas da violência física, chegando ao extremo de apagamento do outro com a sua morte. Em termos de linguagem estamos lidando com modalidades de apagamento da alteridade. Há o apagamento operado na linguagem que submete o outro na tirania de um único sentido. E há o apagamento da alteridade que simplesmente opta por exterminar o outro. De qualquer modo, o outro é sempre um incômodo que precisa ser eliminado.

Esta passagem entre o convencer e o vencer nos lança para o estudo dos recursos da propaganda em seus aspectos educacionais. Com isso queremos afirmar que existe uma ação política dirigida para o domínio das ações dos outros. O valor do sentido não está restrito ao fato do sujeito conseguir interpretar os acontecimentos de algum modo. A ação política aqui ultrapassa a natureza da interpretação para garantir o domínio sobre os corpos em sua potência de transformar, de entrar no mundo e fazer mudança. Há uma nítida separação entre a esfera da epistemologia e a esfera da ontologia.

## Micropolítica

### Introdução

Neste capítulo apresentamos os resultados de nosso estudo acerca dos principais conceitos a serem abordados neste trabalho, quais sejam: políticas de subjetivação, processos de subjetivação, ideologia. Ao final do mesmo, apresentamos uma pequena exploração das possíveis objeções e/ou possibilidades de relação entre ambos os conceitos – cruciais para este trabalho.

### Políticas de subjetivação

Falamos em processos de subjetivação, e não em subjetividade. Esta forma de abordar não permite mais a existência de uma oposição entre aquilo que está dentro do indivíduo e aquilo que está fora. Mas sim, aponta para a existência de um fluxo contínuo entre os corpos e os mundos possíveis. Aqui, o ser humano não se reduz a uma essência a ser despertada. Valores, idéias, sentimentos, desejos não estão dentro do ser humano, não estão condicionados a seu estado de origem.

Assim como são produzidas as máquinas e os instrumentos de toda espécie, assim são produzidas as subjetividades. Conceito transportado de Marx – *produção*, que subverte as tradicionais e reacionárias definições das clínicas psiquiátricas, as quais ignoram as conexões entre clínica e política, entre “coisas da psicologia” e “coisas do político”. Aqui a subjetividade tem “natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida”. (GUATTARI; ROLNIK, 2004, p.33)

Para além desta produção de subjetividades individuais, o que está em jogo são os processos de constituição da subjetividade coletiva – “trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo”. (GUATTARI; ROLNIK, 2004, p.35).

É por isso que falamos em *políticas de subjetivação*: existe um fluxo contínuo de dependência entre a produção dos sujeitos e a produção do

mundo político. A consolidação de regimes políticos depende da produção de subjetividades que podem dar suporte e sustentar estes regimes. Esclarecedoras são as palavras de Suely Rolnik (2006, p. 13):

“Sabe-se que políticas de subjetivação mudam em função da instalação de qualquer regime, pois estes dependem de formas específicas de subjetividade para sua viabilização no cotidiano de todos e de cada um, onde ganham consistência existencial e se concretizam”.

## **Ideologia<sup>1</sup>**

O papel da ideologia na manutenção da ordem é considerado fundamental desde um certo ponto de vista marxista. Na obra “A Ideologia Alemã”, escrita em colaboração com Engels, Marx definirá a ideologia como uma falsa consciência.

Estes pensadores dirão que a principal função da ideologia é a manutenção da ordem, pois tratam-se de “idéias produzidas pela classe social dominante”, “introduzidas de modo que passem uma visão de mundo que mostre a divisão de classes como um fato natural e necessário”, ou seja, “toda pessoa pode ser ou vir a ser dona dos meios de produção, bastando apenas que trabalhe para alcançar tal posição”. (GALLO, 2009, p. 23 – 24).

Já em Gramsci a ideologia perde este caráter de “ardil”, de falseamento e mistificação da realidade para garantir a dominação, e apresenta-a “como a realidade necessária para a coesão social, como o cimento que une as diversas realidades sociais, como articuladora das estruturas econômicas com as realidades superestruturais, tornando-as um bloco só. (GALLO, 2009, p. 45).

Por seu turno, Althusser reaviva as análises de Marx e de Gramsci, dentro da corrente de pensamento estruturalista. Leva as análises sobre a ideologia até onde os seus predecessores não tinham ido: abordando a maneira como os indivíduos, ao reconhecerem-se dentro do referencial criado pela ideologia em geral, tornando-se sujeitos.

A caracterização que Althusser faz da ideologia mostra que não é a realidade em si que é refletida pela ideologia, mas a maneira pelas quais os

---

<sup>1</sup> Conforme mencionamos no primeiro capítulo, seguiremos nesta seção referente à ideologia o livro de Sílvia Gallo (2009).

homens vivem a relação entre eles próprios e suas condições de existência: “a ideologia não é nem uma inversão nem um falseamento da realidade, mas, simplesmente, uma representação imaginária da relação que o homem trava com seu mundo”. (GALLO, 2009, p.59)

Após realizar estas e outras análises (ainda mais profundas) sobre a ideologia, Sívio Gallo a define da seguinte maneira:

Uma força material que se entranha nas estruturas subjetivas pré-conscientes de cada indivíduo, fazendo com que ele reproduza em todos seus atos – do pensar ao escovar os dentes, do trabalhador profissionalmente ao relacionamento amoroso – a estrutura da máquina social de produção. Em palavras mais simples, para usar uma metáfora biológica, cada um dos indivíduos se torna uma das células do aparelho reprodutor desse sistema social. (GALLO, 2009, p. 121)

## **Políticas de Subjetivação e Ideologia**

Para estudar as relações entre as políticas de subjetivação e a ideologia, nos deparamos com algumas dificuldades. Em diferentes obras e diferentes ocasiões, Félix Guattari e Michel Foucault, dois dos autores fundamentais para os estudos das microfísicas e micropolíticas, fazem restrições ao uso do conceito de ideologia.

No livro agenciado com a psicanalista brasileira Suely Rolnik (2005), podemos ler as seguintes palavras de Guattari (2005, p. 33): “ao invés de ideologia, prefiro falar sempre em subjetivação, em produção de subjetividade”.

Ao longo do texto que se segue, Guattari aponta “as mutações da subjetividade não funcionam no registro das ideologias, mas no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular com o tecido urbano [...]. (p. 34)

Onde lemos “no coração”, poderíamos ler no corpo dos indivíduos! Guattari prossegue: “a noção de ideologia permanece na esfera da representação, quando a produção essencial do CMI não é apenas a da representação, mas a de uma modelização que diz respeito aos comportamentos, à sensibilidade, à percepção, [...]”. (p.36)

Em Guattari estes conceitos não são sinônimos, justamente porque, tal como vimos em Marx, Gramsci e Althusser, a ideologia opera no nível da representação (embora Althusser amplie o uso do conceito e identifique seu papel na constituição do indivíduo em sujeito e a considere prática material).

Michel Foucault não considera a noção de ideologia inutilizável, mas acredita que deva ser utilizada com precaução. Tem três razões para isto: 1) a relação da ideologia com a verdade; 2) com o sujeito; 3) com as determinações econômicas. Vamos conhecer na íntegra os dizeres de Foucault (1982, p. 7):

“A noção de ideologia me parece dificilmente utilizável por três razões. A primeira é que, quer se queira, quer não, ela está sempre em oposição a algo que seria a verdade. Pois bem, eu creio que o problema não é fazer a divisão entre o que, em um discurso, provém da cientificidade e da verdade e aquilo que provém de outra coisa, mas sim ver historicamente como se produzem efeitos de verdade dentro do discurso que não são em si mesmos nem verdadeiros nem falsos. Segundo inconveniente: creio que ela se refere necessariamente a algo como o sujeito. E, em terceiro lugar, a ideologia está em uma posição secundária em relação a algo que funciona para ela como infraestrutura ou determinante econômico, material, etc. Por essas três razões, creio que é uma noção que não se pode utilizar sem precaução”.

No verbete Ideologia, constante do Vocabulário de Foucault (2009), Edgardo Castro comenta ainda que as relações que Foucault estabelece entre a ideologia e a ciência, a ideologia e o poder. No que diz respeito ao nosso estudo, importa registrar que “a história do saber ou das formas de exercício do poder, tal como a concebe Foucault, é uma história das práticas, não da ideologia”. (CASTRO, 2009, p. 223)

Uma vez mais, é a questão da representação que está em jogo e se apresenta como problemática para as relações que estudamos, entre as políticas de subjetivação e a ideologia. É somente nas análises de Sílvio Gallo que iremos encontrar outras chaves interpretativas para estas relações.

**“Ideologia e subjetividade: duas faces de uma mesma moeda”** (GALLO, 2009, p. 103)

Após estudar a constituição do ser e da consciência através de uma abordagem fenomenológica, Silvio Gallo (2009, p.114) afirma que a ideologia e a subjetividade são duas faces de uma mesma moeda, ao mesmo tempo complementares e excludentes: “são estruturas análogas, embora seus respectivos universos de existência sejam diferentes (o social e o individual)”. Uma longa citação poderá esclarecer esta afirmação:

A ideologia, para concretizar-se, precisa fazer-se de múltiplas subjetividades, dissolver as singularidades, preenchendo as estruturas; a subjetividade, para afirmar-se autonomamente, deve exorcizar de si toda e qualquer ideologia, deve deixar de lado a má-fé e a ilusão da identidade, para entregar-se ao árduo e ambíguo processo de edificação de seu ser em liberdade. (GALLO, 2009, p.114)

Referindo-se também a textos de Guattari e Deleuze, o autor compreende que a construção de subjetividades desterritorializadas (que podemos pensar com não capturadas pelas lógicas macropolíticas, pelas estratificações) é como que inimiga da grande máquina social. Assim, uma das principais funções da ideologia seria o preenchimento das subjetividades, buscando garantir sempre sua territorialização (a territorialização é o terreno do estriado, do estratificado, do que está capturado). (GALLO, 2009, p.116 – 117).

Suas conclusões estão bastante próximas daquilo que vínhamos desenhando desde o princípio deste trabalho. Desde o princípio desta seção, fomos definindo os processos de subjetivação como algo que ocorre de forma contínua e que sustenta regimes de governo. Algo semelhante se dá com as concepções que pudemos explorar da ideologia; uma exceção, talvez a fundamental, é que a ideologia se daria como uma falsificação da realidade, que confundiria as consciências, com vistas a garantir a dominação de uma classe sobre a outra.

Ora, as restrições que dois de nossos interlocutores (Guattari e Foucault) trazem para a utilização da noção de ideologia dizem respeito a essa dominação ocorrer através das idéias, da consciência, da representação. Os processos de subjetivação, para, além disso, ocorrem diretamente na produção

do desejo, entranhando-se assim nos corpos de todos os que são produzidos pela grande máquina capitalística de subjetivação.

O que Sívio Gallo expande em seu livro e que nos auxilia a compreender as relações entre processos de subjetivação e ideologia, é que o autor buscou encontrar como a ideologia age em torno do nível de todos e, principalmente, de *cada um*. Vejamos:

A ideologia, para que seja concreta precisa tornar-se subjetividade, encarnar-se em cada um dos indivíduos; uma vez interiorizada pela grande massa da sociedade, quando se torna aquela “subjetividade de múltiplas cabeças”, o fenômeno de posse completa-se e a ideologia transforma o único panorama, no único território possível. (GALLO, 2009, p.110)

### **Concluindo**

A partir destas considerações, que mostram limites e possibilidades de relação entre políticas de subjetivação e ideologia, avançaremos em nossos estudos, trazendo na próxima seção uma análise do romance do filólogo Victor Klemperer, LTI – a linguagem do Terceiro Reich.

## **“A linguagem do Terceiro Reich”: Descrições**

### **Introdução**

Nesta seção faremos descrições de alguns dos capítulos mais pungentes do romance LTI – a linguagem do Terceiro Reich. Teceremos uma pequena situação da obra e de seu autor e prosseguiremos com destaques de trechos que concernem, sobretudo, à primeira parte do livro, que vê a ascensão do regime e sua dominação.

### **O autor e sua obra, LTI**

Victor Klemperer, judeu assimilado, ou seja, educado na cultura alemã, convertido ao luteranismo (sendo, portanto, agnóstico), era filólogo, Prof. Dr. da Universidade de Dresden, e grande estudioso da cultura francesa.

Junto com Anne Frank, escreveu relatos de caráter testemunhal a respeito do nazismo; a singularidade de suas obras reside no fato de não terem vivenciado o regime a partir de dentro dos campos de concentração, mas sim como “observadores externos”.

Foi seu casamento com a pianista, de origem alemã, Eva Schlemmer, que o protegeu dos campos de concentração. Klemperer não une-se aos demais judeus em fuga pelo fato de não saber usar a língua latina em outros países, apesar de sua formação. Lecionar era a única coisa que sabia fazer e que encontrava sentido em sua vida.

A partir de sua permanência na Alemanha, intensifica o uso de seu diário e passa a registrar em diário todos os acontecimentos.

Seus escritos diários funcionaram como “a vara do equilibrista”, mantendo seu corpo e sua mente sã, apesar dos meandros do holocausto (neste período muitos judeus se suicidaram, devido à pressão do regime).

Em LTI – Lingua Tertii Imperii: a linguagem do Terceiro Reich analisou minuciosamente a forma como o regime se apropria das palavras, esvaziando o seu significado e deturpando o seu sentido a favor do nazismo.

Ele verifica, por exemplo, a mudança de significado do heroísmo, ato de coragem de sentimentos nobres, para conversão ao fanatismo; o fanatismo era



mensurado em termos de quem matava mais, quem propagava a raça ariana, quem se dedicava de corpo e alma aos esportes e à ideologia do regime. Outra palavra, transportado, era evitada pelo regime, pois significava ser levado na calada da noite para um campo de concentração, como gado indo para o matadouro.

No Terceiro Reich, a linguagem escrita se aproximou da oral, sendo que esta última sempre se deu em tom de declamação. A linguagem condiciona o sentimento, o pensamento e a ação do indivíduo, torna-se a mola propulsora do movimento que impulsiona a vida, determinando a maneira de ser e estar no mundo.

Victor Klemperer analisa a função da linguagem num determinado contexto social político e econômico.

Ele afirma que é através deste contexto que a linguagem se constitui.

### **O heroísmo**

Com Hitler no poder, Victor Klemperer notou a diferença na administração do ensino.

Foram introduzidas leis raciais que permitiam distinguir um judeu de um ariano no que se refere a aspectos físicos e espirituais, dado que um indivíduo poderia ser ariano de corpo e judeu de espírito.

Na educação nazista priorizava-se em primeiro lugar a prática de esportes, visando prover condicionamento físico para a guerra, deixando em segundo plano a formação do caráter, da inclinação para as ciências e o intelectualismo. As horas aulas foram reduzidas em detrimento da prática de esportes.

O conceito de heroísmo foi esvaziado de seu sentido, tornando herói quem estava sempre preparado para guerra, para o imperialismo, sem temor da morte. Figuras de homens da SA (divisão de assalto), dotadas de virtuosismo corporal, por certo tempo tornou-se exemplo a ser adotado, posto que representavam uma imagem de destemor, de estar sempre preparado e em movimento.

Com o nazismo muitas palavras foram esvaziadas e empobrecidas de seu sentido. Por exemplo, a palavra *heroísmo*.

Conforme afirma Klemperer, heroísmo era o que as mulheres arianas casadas com judeus possuíam, pois eram humilhadas, chamadas prostitutas, levavam cusparadas e dividiam com seus maridos, que eram obrigados a trabalhar na fábrica, uma ração alimentar pobre em nutrientes. ( Klemperer, 2009, p.45).

Ser herói não significa ter coragem e colocar a própria vida em risco, se fosse assim qualquer arruaceiro ou criminoso seria.

A pessoa que pratica atos de heroísmo busca o melhor para a humanidade sem ensejar autopromoção, fama e reconhecimento, atitudes que não fazem parte do repertório de ações e promessas propaladas pelo regime nazista.

O que o nazismo fazia era se apropriar de palavras estrangeiras pertencentes a uma pessoa, a um pequeno grupo, tornando-a propriedade de todos, adulterava o seu significado e controlava o uso e a repetição sistemática desta palavra. A língua é a manifestação de uma época, retrata aspectos econômicos, sociais e políticos de um período histórico e atual.

No período nazista a linguagem se manifestava pela uniformidade das palavras, assim como, uniformes marrons, cabeças raspadas, bigodes a estilo de Hitler, marchas, bandeiras, uma determinada saudação, valas comuns para judeus, ruas com nomes de representantes do partido nazista, homens da SA e SS vistos com modelos a serem seguidos.

“A linguagem no período nazista se embrenha na carne e no espírito, dada pela repetição sistemática, inúmeras, milhares de vezes, absorvidas inconscientemente e mecanicamente” (Kemperer, 2009, p.55). Essa foi à forma mais eficaz de inculcação ideológica.

De acordo com os relatos de Klemperer o nazismo controlava todos os meios de propaganda, televisivos, livros, materiais pedagógicos e etc.

Klemperer foi proibido de lecionar. Tornou-se operário fabril. Percebeu que tanto as vítimas (judeus) quanto os representantes dos partidos (alemães), falavam a mesma língua.

Essa uniformidade da linguagem se caracterizava pelo fato de pessoas não adeptas ao nazismo verem com estranhamento o casamento entre um judeu e uma ariana, realizar o cumprimento automático da saudação nazista

entre seus grupos sem perceber, além de empregar a palavra organização tão difundida pelo regime.

O Mein Kampf (Minha Luta), bíblia nazista do partido nacional socialista começou a circular em 1925. A partir desta data fixa-se a linguagem nazista.

Em 1933, ano em que o partido nacional socialista se consolidou no poder, Hitler dissolve todos os partidos de esquerda, persegue e mata todos os indivíduos contrários a seu partido. Tornando-se, na Alemanha, o único partido político.

A linguagem do partido se transforma em linguagem popular, se apossa de todos os setores da vida pública e privada, se apodera da instância familiar, da justiça, da política, da economia, da arte, dos esportes, da escola, do jardim da infância, até mesmo dos quartos das crianças com bonequinhos representando a SS (Esquadrão Protetor) e SA (Divisão de Assalto) e o mapa estratégico da Alemanha.

Hitler normatizou a linguagem alemã nos moldes nazistas. Não havia distinção entre a linguagem escrita e a oral, ou seja, os textos se aproximavam da linguagem falada, sendo fácil, portanto, de declamar. O nazismo priorizava a elocução, a invocação, tom de voz elevado e agressividade nos movimentos, visando agitar e suggestionar massas.

A pobreza da LTI está na linguagem auto-imposta que mostra ao indivíduo apenas um lado da natureza humana. A linguagem da LTI priva os indivíduos de sua individualidade, anestesia as personalidades, fazendo dos mesmos, peças de rebanhos, sendo conduzidos a uma única direção. A LTI é a linguagem do fanatismo, é a doutrina de suggestionar massas.

Ela automatiza as ações dos indivíduos assemelhando-os a máquinas e uniformiza o pensamento para que a doutrina nazista seja aceita sem questionamentos.

Para que isso se efetive, ela trabalha com a produção de sentidos alterando o real significado das palavras dando a mesma a conotação que atinja os seus objetivos.

Com base no exposto as primeiras palavras nazistas propaladas no início do regime foram expedições punitivas. Através delas, grupos não arianos, contrários ao movimento nazista, eram encurralados em um corredor, surrados com cassetete de borracha e molhados com óleo de ricínio por

amadores. Posteriormente a esta ação, passava a ser realizada exclusivamente pela polícia oficial e o óleo de ricínio é substituído pelos campos de concentração.

Outra palavra é “ato histórico”, tornando-se, portanto, ato histórico qualquer manifestação nazista, quer seja o pronunciamento de Hitler, as reuniões do partido, as festas de ação de graça das colheitas, os inúmeros feriados criados pelo regime, incluindo o aniversário de Hitler.

A palavra “ato histórico” foi empregada constantemente a fim de passar a idéia de um regime político destemido, invencível, seguro de sua perenidade.

“O Estado sou eu” também era uma das palavras bastante mencionadas pelo Führer, palavra emprestada do rei Sol Luiz XI V maior monarca absolutista da França que reinou de 1643 a 1715.

### **A influência fascista**

Hitler é a tradução de Mussolini. Apropriou-se de elementos e expressões fascistas, substituindo as camisas negras pelas marrons, imitou a saudação fascista e o discurso propagandístico, que consistiu em reunir as pessoas em determinado local e proferir o discurso, dirigido não somente aos representantes do povo, como também ao povo.

Seu discurso é pausado, sempre com expressões e gestos de agressividade. Ao invés de falar, vocífera, usa fragmentos litúrgicos e eclesiásticos, a fim de convencer as massas. Ataca em seu discurso as pessoas de etnias diferentes, os indivíduos com problemas mentais ou deficientes físicos, os judeus e os indivíduos contrários ao seu movimento.

Com o advento do rádio e da televisão foi possível proferir o discurso em qualquer localidade. Com esse avanço tecnológico mudou a natureza do discurso, que antes era dirigido somente aos representantes do povo. Agora ele torna mais popular, portanto, precisa ser compreensível, passa a apelar aos sentimentos, deixa o intelecto em segundo plano – assim, o discurso transforma-se em demagogia.

No discurso faz parte não somente a oratória como também o lugar, onde é proferido, as bandeiras, as vestimentas e as expressões faciais. Hitler soube usar bem esses elementos do discurso, como o soldado em posição de

combate, segurando a suástica, que representava o sangue da Alemanha comparada à hóstia cristã que simboliza o corpo e o sangue de Cristo.

Há a mistura de fragmentos litúrgicos em seu discurso, apelando ao cristianismo, visando suggestionar o povo. O abuso de rádios pelas ruas da Alemanha, onde proferia o seu discurso. A própria saudação já tinha um fim em si mesmo.

O nazismo foi o maior exemplo de manipulação de massas através da repetição contínua de mentiras e de adulteração de significado de palavras estrangeiras.

## **Fanatismo**

Os iluministas, contrários a tudo que prejudicasse a razão, sempre foram contra o fanatismo, palavra cuja raiz designa templo, santuário, pessoa em êxtase religioso. Em contrapartida, os adversários do iluminismo afirmavam que os mesmos estavam inclinados para um fanatismo científico, acreditando somente naquilo que se podia mensurar, quantificar e generalizar, desvalorizando o conhecimento do senso comum, transferindo, conseqüentemente o fanatismo para a ciência, criticando todo aquele que era contrário ao cientificismo. Contudo, os iluministas afirmavam que usavam elementos da razão para lutar contra aqueles que condenavam o homem ao obscurantismo fanático da fé religiosa.

Rousseau apresentou uma conotação positiva para o fanatismo, dizendo que o mesmo, quando bem empregado intencionalmente pode, valorizar as virtudes humanas; seu contrário pode conduzir a atos de crueldade, justificando a violência para atingir um objetivo. Ele afirma que não há pior fanatismo do aquele empregado na ciência, pois conduz ao individualismo, ao egoísmo e a autopromoção.

O nacional-socialismo empregou um sistema de educação baseado no fanatismo. Este sistema supervalorizava a abnegação, apresentava como virtude a valentia, a falta de medo da morte, estar sempre pronto para o combate e entregar-se de corpo e alma ao regime nazista. Eles queriam supervalorizar esse conceito e globalizá-lo para as mais diversas situações,

pois o empregava em datas comemorativas, como aniversário de Hitler, para elogiar a tropa ou a organização, levando sempre a uma conotação de fé fanática e colocando o regime em uma áurea eterna, inabalável.

Mesmo com seus dias contados, quando desmoronava às vésperas do fim da Grande Guerra, o fanatismo foi usado para disseminar a ilusão de que o regime venceria a mesma, tornando-se perene.

O termo fanático na linguagem nazista foi substituído por *sentir fervor*, dando uma conotação mais dócil, destituindo-a de seu significado e banalizando-a.

O fanatismo foi bastante pronunciado e valorizado no regime, penetrando na educação, na forma de pensar e agir do povo alemão. Ele foi apresentado como virtude pelo partido nacional socialista, obscurecendo sua real significação.

### **As aspas irônicas**

A LTI é extremamente retórica e apelativa aos sentimentos. Não abusa de sinais de pontuação pelo simples fato de ser em si mesma apelativa e exclamativa. Usa ***aspas irônicas***, que consiste em colocar em dúvida algo que foi dito ou escrito por alguém, tornando tal afirmação mentirosa.

As ***aspas irônicas*** não foram criadas pela LTI, surgiu no mesmo período em que as aspas comuns, no contexto da Primeira Guerra Mundial, sendo usada por franceses ao se referirem à cultura alternativa alemã, pois os alemães consideravam a sua cultura superior às demais e julgavam as conquistas da civilização ocidental menor e superficial.

### **Os nomes no regime**

“Toda revolução, quer seja política, social, artística ou literária, possui duas tendências: a primeira é o desejo pelo novo, que se contrasta com o presente; a segunda é a necessidade de estabelecer um elo com o passado, a fim de legitimar o novo. Nada é completamente novo. Há um retorno à tradição, aos valores negados à humanidade, à arte, à literatura e etc. Essas tendências influenciam tanto no atributo quanto na alteração de nomes”. (Kemperer, 2009, p.137-138).

O hábito de dar nomes de campeões a recém nascidos da nova ordem é uma prática comum da América, principalmente da América negra. A revolução inglesa puritana, por exemplo, tinha o hábito de dar nomes aos recém nascidos do antigo testamento, sendo reforçados com passagens bíblicas. Já na revolução francesa os nomes eram baseados na antiguidade clássica, especificamente em grandes nomes romanos como Tácito e Cícero.

O nacional – socialismo não ficou atrás, baseou os nomes na cultura germânica nórdica e os auto-impôs. Tornou obrigatório que recém-nascidos considerados arianos possuíssem nomes de representantes nazistas, tais como: Baldur, líder da Juventude Hitlerista; e nomes germânicos, como, por exemplo, Ingrid e Harold.

Os nomes eram acompanhados de um diminutivo separado por hífen que passa a idéia de um indivíduo meigo e encantador.

O uso de nomes do antigo testamento tornou-se proibido, assim como se tornou obrigatório que os judeus, cujos nomes judaicos não fossem comuns, acrescentassem Sara ou Israel aos nomes, a fim de diferenciá-los do restante da população, identificando-os e isolando-os.

Os judeus eram proibidos de dar nomes de origem alemã aos filhos, recebendo do regime nazista prenomes depreciativos para nomear seus filhos. Deveriam informar ao banco do cartório e ao correio o nome acrescentado e não podiam omiti-lo ao assinar qualquer documento.

Se fosse casado com uma mulher ariana, era obrigado a usar uma estrela amarela com a sigla **Jude**, semelhante aos caracteres hebraicos. Nas portas das Judenhaus, *casa dos judeus*, deveria constar a estrela sobre o nome do judeu e a palavra ariana sobre o nome da mulher do mesmo de origem alemã. Ao se apresentar a autoridade ou a qualquer estabelecimento de ensino, o indivíduo de origem judaica deveria pronunciar seu nome acrescido da palavra judeu.

Dentre estes estratagemas do regime nazista destaca-se também a alteração de nomes de ruas e cidades alemãs, a fim de criar uma atmosfera de perenidade e divindade em torno do regime nazista.

A linguagem nazista foi uma linguagem do cárcere e do encarcerado, todos estavam sobre o olhar observador do mesmo. Os alemães estavam

presos a uma ideologia cega que prejudicava a capacidade de pensar e os judeus estavam isolados em guetos com o advento da estrela, do acréscimo do nome Sara e Israel, isso sem contar das casas destinadas aos judeus.

## **A propaganda nazista**

Os cartazes nazistas pareciam-se uns com os outros.

Os personagens que compunham esses cartazes eram homens fortes, com troncos nus, geralmente trajando uniformes da SA ou SS, segurando a bandeira do nazismo com o semblante duro, com ausência de atividade mental e apresentando a combinação entre força e intenso fervor fanático, valorizando a importância da prática de esportes e preparação para guerra.

Na propaganda nazista não há uma ligação entre o texto e imagem gráfica, o que torna o seu conteúdo pobre. As frases que compõe os slogans nos cartazes são: “Führer, ordene que obedeceremos”, ou “ Nossas bandeiras serão vitoriosas” ( Kemperer, 2009, p.153).

Elas penetram nas mentes alemãs, dadas pela repetição inúmeras vezes. O resultado é a construção de ações visando os interesses de Hitler sempre em uma posição de subserviência; frases como “Somos os servos do Führer” (Kemperer, 2009, p.153), compõem o cenário cotidiano.

## **As abreviaturas**

As abreviaturas estão presentes no tempo e no espaço. Surgiram das necessidades dos negócios, do comércio e da indústria. Os principais países a incentivarem o uso de siglas foram os E.U.A e a Inglaterra, o primeiro por ser uma grande potência e o último por ser o primeiro país que deu início à industrialização, alterando a forma de reprodução e as relações no mundo dos negócios, do trabalho e do consumo.

As siglas estão presentes em qualquer lugar em que há domínio técnico-econômico e até político propriamente dito. Hoje é comum encontrar siglas para designação de partidos políticos, de organização, sindicato, instituição pública, privada e etc.



Na Alemanha, por ter se destacado como uma forte potência militar, as siglas se apoderaram desse setor. Desde a Primeira Guerra Mundial os alemães usavam as siglas para designar aparelhagem técnica, estratégias, linguagem corrente do grupo interno, a fim de não vazarem informações para o inimigo e etc.

Hitler exacerbou esta forma, fazendo com que as siglas se apoderassem de todos os setores da vida pública e privada. A sua aspiração pelo totalitarismo nazista requeria técnica e organização, o que fez com que cada indivíduo estivesse inserido em uma comunidade de conjurados como, por exemplo, HJ (Juventude Hitlerista), DAF (Frente dos Trabalhadores Alemães), BDM (Liga das Moças Alemãs) etc., fazendo do nazismo uma religião, infiltrando-o em todos os setores da vida pública e privada.

### **Forma de organização nazista**

Os nazistas eram contra a forma de governo republicana, pois afirmavam que esse modelo de representatividade política constituída por inúmeros partidos, produzia um efeito paralisante na economia do país. Justificavam este ponto de vista criticando o período de 1918 à 1933, a República de Weimar, período histórico em que a Alemanha perdeu a Primeira Guerra, sendo obrigada pelo Tratado de Versales a se desmilitarizar, a pagar altas indenizações para os países vencedores e a perder parte de territórios conquistados para os mesmos.

O governo republicano deste período aumentou a inflação no país, a fim de pagar estas dívidas, acarretando desemprego e miséria no país, deixando a população descontente e alvo fácil da retórica do Partido Nacional Socialista, que soube captar muito bem os problemas da população para fazer campanha política e se consolidar no poder através do apoio popular.

Os nazistas eram adeptos das formas de governo monárquicas e totalitárias.

Abominavam a palavra **sistema** de governo, pois sistema significa algo elaborado pelo povo e executado pelas mãos dos mesmos. Abominavam a palavra **filosofia**, porque filosofar significa pensar de maneira sistemática e

quem pensa não quer ser persuadido e sim convencido e com essa ação traria a tona todas as contrariedades e fragilidades do regime.

O nazismo pretendia execrar o pensamento, a fim de fazer pessoas serem movidas pelo sentimentalismo exacerbado. Os nazistas deturparam a palavra **visão de mundo**, empregando-a com muita frequência no lugar de **filosofia**, dando a conotação de interpretar o mundo através dos órgãos dos sentidos.

A forma de governo nazista é totalitária, invadindo todas as instâncias públicas e privadas, povoando o estado mais íntimo do indivíduo, ou seja, o inconsciente.

### **Hitler comparado a Cristo**

A LTI é uma linguagem de fé que visa ao fanatismo. Está estritamente ligada ao catolicismo, mas apesar disso combate o cristianismo de forma velada, direta e teórica. Obriga os homens da SS e professores de escolas primárias a abandonarem a igreja católica, acusa os professores do sacerdócio de homossexualismo, condenando-os a prisão e aos campos de concentração.

Na LTI é comum o uso constante das palavras histórico e eterno. Tudo é histórico e eterno no Terceiro Reich, elevando-se a esfera do religioso. Por exemplo: na inauguração da escola de Hitler no início de 1938, Robert Ley (chefe da Frente de Trabalho Alemã) disse: “encontramos o caminho para eternidade”. (Kemperer, 2009, p.187).

Nos exames de conclusão de curso era comum a pegadinha “O que vem antes do Terceiro Reich?”. Se um novato ingênuo respondesse o Quarto Reich, era reprovado, mesmo possuindo bons conhecimentos. O certo era dizer “Nada”, pois o Terceiro Reich é eterno. (Kemperer, 2009, p.187).

Hitler denominava-se redentor alemão, empregava elementos do novo testamento em seus discursos. Acreditava ser o escolhido de Cristo, o sucessor, cuja missão era salvar a Alemanha e disseminar sua religião hitlerista.

Hitler proferia em seus discursos fragmentos litúrgicos como “A providência nos conduz, agimos conforme a vontade do Oniponente”. (Kemperer, 2009, p.188).

Para ser endeusado, se beneficia de seus amigos e servidores que lembra com positividade o povo de seus feitos tanto na esfera política quanto na economia, colocando Hitler como o salvador da Alemanha, o escolhido divino.

Alguns exemplos de casos absurdos de endeusamento são: a cidade natal de Hitler (Braunau) foi transformada em local de peregrinação da juventude alemã e o discurso de Goring diante da Câmara Municipal em 1934, onde dizia “Todos nós, desde o mais simples membro da SA até o primeiro ministro, somos de Adolfo Hitler e por Adolfo Hitler”. (Klemperer, 2009, p.191).

Não são estes os únicos absurdos. O *Mein Kampf* foi considerado a bíblia do Nacional Socialismo, a guerra destinada a preservar o terceiro Reich e a área de circunscrição da religião hitlerista foi denominada de cruzadas, guerra santa.

O nazismo foi aceito como evangelho porque usou a linguagem do evangelho para se consolidar na política e nos padrões impostos pela sociedade alemã.

## **A raiz alemã**

O anti-semitismo foi a forma mais eficaz de propagação do nazismo, a forma de propaganda mais eficiente e forte do partido, além de ter sido a mais ousada materialização da doutrina racial, que se justificou nas ciências raciais.

O nazismo falsificou a história da civilização para os alemães, fazendo-os acreditar que eram superiores aos demais povos e os escolhidos pelo divino.

Três elementos fazem parte do anti-semitismo do Terceiro Reich.

O primeiro é a violência com que a epidemia anti-semita se difundiu, mais forte do que nunca, em uma época em que parecia ter sido extinta – ao menos em sua forma mais agressiva.

O segundo é que o anti-semitismo não apareceu com o formato de antes, representando a manifestação da fúria espontânea do povo em relação à posição social e econômica que os judeus gozavam durante o período da Idade Média, mas o anti-semitismo apareceu nos moldes modernos, tendo

como objetivo de uma organização, no caso nazista, o extermínio dos judeus, considerados povos inferiores e animalizados.

O terceiro e último elemento mais importante do regime baseia-se na idéia de raça, na distinção entre sangue judeu e alemão, tornando impossível qualquer mediação, já que são separados pelo sangue.

O povo alemão é apegado à corrente romântica, conduzido pelo sentimentalismo e é tenaz, briga até o fim pelo ideal que acredita, levando até as últimas conseqüências, sendo capaz de justificar tal ideal com atos de crueldade.

O que diferencia o anti-semitismo alemão do fascismo de Mussolini é a idéia exacerbada de raça pregada pelo nazismo. Mussolini ao contrário pretendia recuperar o antigo império romano, não possuía a pretensão de animalizar os povos conquistados, segregando-os por raças.

O Ensaio sobre desigualdades de raças humanas, de Gobinau, foi o primeiro a dizer que a raça ariana é superior aos de mais povos, principalmente em relação ao povo judeu. Essa obra disseminou a idéia de racismo baseada no sangue, colocando a raça ariana numa categoria de senhorial em relação às de mais.

Essa literatura serviu como instrumento para Hitler justificar sua filosofia e política no que tange o anti-semitismo. A doutrina racial baseada no sangue foi inventada para privilegiar os germanos, dando-lhes o monopólio da humanidade, além de servir como instrumento para caçar, torturar e matar pessoas.

Uma das principais características do nazismo é a ausência de limites, a influência do romantismo, o desejo do destronamento da razão, a valorização de exaltação da idéia de poder e animalização dos indivíduos denominados não arianos.

## **A palavra e o contexto**

A palavra isolada reflete a forma de pensar de uma época. É através dessa forma de pensar que o homem conduz a sua ação, mas, dependendo do

contexto, a palavra pode possuir sentidos opostos, tornando necessário retornar ao texto, onde ela está inserida, a fim de identificar sua verdadeira significação para uma época.

No caso do período nazista, a palavra possuía a função de ensejar a prática anti-semita, dada pela tomada de ações, tais como a diferenciação de um ariano em relação a um judeu que ocorria no interior da escola, a mensuração da caixa craniana, as características físicas, a segregação dos judeus nos intervalos da escola, sucumbindo-os do direito de usufruir da mesma merenda que os demais, assim chamados “arianos”.

Além da introdução de leis e disciplinas raciais na escola, da deturpação da história em favor do nazismo, colocando os alemães como os escolhidos divinos para dominar o mundo. Essas palavras de cunho anti-semita estavam presentes tanto na linguagem corporal quanto nas ações e propagandas nazistas.

O regime nazista usou e deturpou diversas palavras para animalizar os judeus e automatizar os alemães. Dentre elas destacam-se a palavra **material humano** que, para o nazismo, designa um conjunto de pele, ossos e vísceras, limitando-se somente a matéria e desprezando o espírito.

A palavra **material humano**, quando usada para designar o valor material de um grupo ou indivíduo dentro de uma profissão ou esporte, não possui sentido negativo, ela não nega a condição do indivíduo de ser humano. Agora quando empregada para coisificar, usando expressões como um vigilante nazista do campo de concentração de Belsen usou “declarando diante do tribunal de guerra que em um único dia teve que lidar com dezesseis elementos, ou dezesseis peças, referindo-se aos prisioneiros” (Klemperer,2009,p.238) , ele abstrai a condição humana desses indivíduos e transforma em coisas.

O mesmo se aplica na linguagem oficial nazista que usava constantemente o termo “reaproveitamento de cadáveres”, ou seja, mais especificamente, cadáveres humanos, referindo-se aos mortos da câmara de gás. Seus cadáveres serviam como adubo para terra da mesma forma que as carcaças de animais, roubando-lhes com essa ação a capacidade de ser humano e transformando-os em coisas.

Outras palavras bastante empregadas pelo regime são o verbo **trucidar**, que revela o ódio do nazismo em relação ao inimigo, neste caso o inimigo é concebido como pessoa. O verbo **liquidar** também faz parte do repertório nazista, é uma palavra emprestada da linguagem dos negócios, usada pelo regime como referência às pessoas liquidadas nos campo de concentração, ou seja, elimina pessoas da mesma maneira que se põe um fim a bens materiais.

Essa capacidade que a LTI possuía de reificar pessoas, aplicava-se somente aos indivíduos que o Nacional Socialismo designava como raça inferior, subhumana, cujo sangue não era de natureza nórdica ou germânica.

O termo cegamente é uma das palavras chaves da LTI. Está presente em todas as comemorações e manifestação do nazismo, como por exemplo, datas comemorativas como o aniversário de Hitler, no qual o indivíduo jura fidelidade ao Fhürer pelo resto da vida e etc.

A expressão **confiar cegamente** indica a condição ideal de relação entre o comandante e o comandado. Ao executar uma ordem cegamente o indivíduo não deve pensar sobre a mesma, pois esse ato enseja a demora, o pensar de forma crítica sobre essa ordem, o que leva ao não cumprimento da mesma.

A educação militar tem como principal objetivo automatizar movimentos e ações de grupos e soldados, de forma que os mesmos executem as ordens dadas pelo comandante sem pensar de maneira crítica sobre elas, tornando-os, portanto, máquinas de execução.

O Nacional Socialismo pretende mecanizar a personalidade, transformando os indivíduos em escravos da organização nazista. A principal característica da mentalidade nazista é a mecanização da própria pessoa no que tange uniformização de idéias, atitudes e ações. Ela trás a tona um estado de coisas, impulsiona a invasão da linguagem técnica para as áreas que não são técnicas, compara os indivíduos com motores, máquinas, reprimindo de maneira aviltada o livre pensar dos mesmos.

## **Conclusão**

Com este texto oferecemos ao leitor, através de descrições, um brevíssimo panorama da obra **LTI**, com duas intenções principais: aproximar o leitor dos momentos de maior intensidade deste intenso testemunho; deixar em evidência trechos que demonstram a função da linguagem na constituição do regime nazista alemão.

É importante observar que **LTI** não se trata de um estudo sobre políticas de subjetivação, não se trata de um livro sobre ideologia. Mas diz respeito à maneira como, através do empobrecimento, a distorção e a repetição de palavras, de gestos, de propagandas, foi possível constituir um regime de dominação tão perverso quanto o nazista.

E ainda: um regime de governo onde, muitas vezes, os próprios vencidos (os judeus) passavam a usar em seu cotidiano as expressões criadas ou deformadas pelo regime, com vistas a conferir-lhe legitimidade.

## **Bibliografia**

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 1994.

BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CANETTI, Elias. **Massa e poder**. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Editora da UNB, 1983.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CERTEAU, Michael. **A cultura no plural**. Campinas: Editora Papirus.

COCCO, Giuseppe. “Democracia e socialismo na era da subsunção real: a construção do comum.” In GENRO, Tarso et al. **O mundo real: socialismo na era pós-neoliberal**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FONSECA, Tânia M. G. e KIRST, Patrícia G. (Orgs.). **Cartografias e devires. A construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

FOUCAULT, Michel. “O que são as luzes”. In.: **FOUCAULT, Michel. Marqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Págs.: 335 – 351. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. “O sujeito e o poder”. In.: RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Págs.: 231 – 249. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1971.

FREITAG, Bárbara. **A teoria crítica ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

GALLO, S. **Subjetividade, ideologia e educação**. Campinas: Alínea, 2009.

GORZ, André. **Misérias do presente, riqueza do possível**. São Paulo: Annablume, 2004.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

HAROCHE, Claudine. **Da palavra ao gesto**. Campinas: Papirus, 1988.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**. Campinas: Papirus, 1999.

KLEMPERER, V. **LTI: a linguagem do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KRISTEVA, Julia. **As novas doenças da alma**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LECHNER, Norbert. **Los patios interiores de la democracia: subjetividad y política**. Chile: Fondo de Cultura Económica, 1991.



LEWKOWICZ, I.. CANTARELLI. Mariana, Grupo Doce. **Del fragmento a as situación. Notas sobre la subjetividad contemporánea.** Buenos Aires, Altamira, 2003.,

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARCUSE, Herbert. **Idéias sobre uma teoria crítica da sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

NOVAES, Adauto. (Org.). **Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo.** Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: Edições SESC, 2008.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

ROLNIK, Suely, “Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico.” In *Cadernos de Subjetividade*. S. Paulo. V. 1 n. 2, set./fev.1993. Págs.: 241 – 251.

SANTOS, Boaventura de. Sousa. (Org.). **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de. Sousa. **A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez Editora, 2000.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna.** Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

ZIZEK, Slavoj. **Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

Katiane Fuzaro Novaes  
Aluna

Prof. Dr. Romualdo Dias  
Orientador